
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

LITERATURA E SOCIEDADE: ROMPENDO PARADIGMAS
– A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA
EM UMA SOCIEDADE BRANCA, URBANA E MACHISTA

Elaine dos Santos (UFSM)
e.kilian@gmail.com

RESUMO: Em um estado em que a Literatura dita culta conformou-se com relativo atraso em relação ao restante do país, o modelo estancieiro, as guerras de fronteira determinaram a construção de um modelo mítico: o gaúcho, personagem filtrado pela ótica masculina, urbana e culta. Às mulheres pouco espaço foi concedido; no entanto, Luis Augusto Fischer, em *Quatro negros*, abre espaço para uma mulher negra, pobre, mãe solteira e, com ela e através dela, reflete sobre a formação e a consolidação da sociedade sulina, destacando o papel, sob certo aspecto, marginal em que o negro tem vivido. PALAVRAS-CHAVE: literatura gaúcha; representação social; monarca das coxilhas; mulher negra.

INTRODUÇÃO

Desde as pinturas rupestres em cavernas, o homem tem manifestado o desejo de comunicar-se e exprimir o mundo em que se insere. Assim, “ler” tais pinturas significa, em parte, compreender o meio social em que aqueles primitivos seres existiram. Da mesma forma, a partir da invenção da escrita, o homem tem se valido de distintas maneiras para fixar o seu pensamento, as suas emoções, as suas conquistas.

Buscar, no texto literário, a sociedade, suas características, os fatos mais relevantes não se justifica por si só. O texto literário não é a sociedade e não se presta a fixá-la. Voltar-se para ele, a partir de uma posição que privilegie o contexto social, significa valorizar a sua qualidade estética e rastrear indícios da sociedade que foram filtrados pelo narrador. A sociedade adquire relevância quando se torna parte integrante, interna, da própria narrativa, sendo possível revisitar as forças colocadas em choque na conformação social.

A literatura produzida no Rio Grande do Sul, desde cedo, elegeu fatos históricos - a Guerra dos Farrapos ou o processo imigratório - como foco de suas manifestações. A tendência, nestas obras, sempre foi a sacralização do modelo masculino, peão nos tempos de paz e soldado nos tempos de guerra. Entretanto, estas produções, normalmente, partiram de um ponto de vista branco, urbano e culto que, a seu modo, cedeu espaço ao peão, sem, contudo, ceder-lhe voz.

As mulheres que, na guerra, mantinham o funcionamento das estâncias e a educação dos filhos, ou as mulheres que, no processo de colonização, enfrentaram bugres, desmataram terras, construíram casas, pouco espaço literário lograram.

O presente trabalho, que enfoca a novela *Quatro negros*, propõe-se a ponderar sobre esta representação a sociedade sulina orientada pela presença de uma mulher, negra, pobre, semi-analfabeta, mãe solteira. Para tal, o trabalho está dividido em três segmentos que, investigam as relações entre literatura e sociedade, revisitam a tradição literária sul-rio-grandense, atentando-se para as formas narrativas apresentadas pela prosa, em que predomina a voz e a perspectiva de um narrador branco, masculino, urbano e culto. Finalmente, procede-se à análise da obra *Quatro negros*, que abre espaço para ponderações sobre o modelo em que se assenta a sociedade sulina, e, ao contar a história de Janéti, acena com uma possibilidade de conformação de uma nova vertente literária, em que o resgate do negro, do seu papel social, do seu cotidiano se apresentam, se problematizam.

2. LITERATURA E SOCIEDADE

O fenômeno literário, no Ocidente, encontra seus registros iniciais na Grécia antiga. Para Berthold: “O teatro é uma obra de arte social e comunal; nunca isso foi mais verdadeiro do que na Grécia antiga (...). O público participava ativamente do ritual teatral, religioso, inseria-se na esfera dos deuses e compartilhava o conhecimento das grandes conexões mitológicas” (2006: 104). Assinala-se, logo, o elo entre o mundo das artes e a sociedade em que são produzidas. No caso específico, o povo tomava parte das manifestações teatrais, suas experiências cotidianas eram purgadas através do sofrimento dos heróis trágicos, dos eventos grotescos da comédia e pelo próprio envolvimento no fazer artístico.

Séculos se passaram, as pequenas aldeias gregas foram, paulatinamente, substituídas e, neste contexto, registrou-se uma nova concepção de literatura, em que a visão totalizante da sociedade cedeu espaço ao individualismo burguês e o romance consolidou-se. Ao mesmo tempo, a perspectiva que une literatura e sociedade passou a ser discutida, analisada, posto que existia um novo modelo econômico vigente, o capitalismo. Desenvolveu-se uma nova forma de abordagem crítica da obra literária e de suas relações com a sociedade, a Sociologia da Literatura. Tadié esclarece:

A sociedade existe antes da obra, porque o escritor está condicionado por ela, reflete-a, exprime-a, procura transformá-la; existe na obra, na qual nos deparamos com seu rastro e sua descrição; existe depois da obra, porque há uma sociologia da leitura, do público, que, ele também, promove a literatura, dos estudos estatísticos à teoria da recepção. (1992: 163)

Tadié situa nos primórdios do século XIX, através dos trabalhos de Madame de Staël, Taine e, marcadamente, a partir dos estudos resultantes das considerações teóricas de Marx e Hegel, o surgimento desta nova tendência. No século XX, a primazia caberia a Georg Lukács; Lucien Goldman; Hans Robert Jauss, entre outros.

No Brasil, Antonio Candido segue esta abordagem. Em *Literatura e Sociedade*, o crítico anota: “Hoje sabemos que a integridade da obra (...) só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra (...). Sabemos, ainda, que o externo (...) importa (...) como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (2000: 4). Assim compreendida, a sociedade adquire importância quando “o elemento social [configura-se] como fator da própria construção artística” (Candido 2000: 7). E ainda, “[n]a medida em que a arte é (...) um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três” (Candido 2000: 38). Bueno acresce que “é no mais profundo da forma estética que se encontra cifrada a matéria social, depurada e mediada” (2006: 20). Assim, o texto literário, embora apresente relativa autonomia em relação ao contexto sócio-histórico, dele se nutre, para, nos infintos recursos estéticos, estilizar a vida social e histórica da humanidade.

No caso brasileiro, a literatura consolidou-se com o propósito de fixação da nacionalidade, constituindo-se em um amplo espectro de abordagens da sociedade formada na incipiente nação. Exemplo desta tendência encontra-se na proposta de José de Alencar, que pretendia abarcar diferentes ambientes e, através deles, configurar o retrato final do país independente. Em oposição à idealização romântica, cujos autores, entretanto, não deixaram de enunciar as contradições políticas e econômicas de um país situado entre a escravidão, o compadrio e os desígnios do capitalismo vigente na Europa, as produções realistas e naturalistas também têm o painel social como temática preferencial. Nestas obras, ressalta-se o meio degradado, em que o adultério, a prostituição, o homossexualismo dão a nota, como em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. Candido afirma: “Em nenhum outro romance do Brasil tinha aparecido semelhante coexistência de todos os nossos tipos raciais, justificada na medida em que assim eram os cortiços e assim era o nosso povo” (2004: 117).

Na tessitura narrativa, o meio social se sobressai nos romances produzidos a partir de 1930 por Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, entre outros. Mais uma vez, o drama narrativo encontra-se assentado no meio social, como em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, em que a geografia, seca, desprovida de esperança, atinge o grupo familiar – Fabiano, sinhá Vitória e os meninos, que “são apagados na bonança, erigindo-se inesperadamente em heróis ante a ameaça de situações decisivas” (Candido 1992: 47).

A literatura sul-rio-grandense, que surgiu sob a influência de um Romantismo tardio, instituído pelo Partenon Literário (Porto Alegre-1868), encontraria, no meio circundante, material para suas produções, salientando-se a lide campeira, as guerras fronteiriças, a imigração e, posteriormente, o êxodo rural, as dificuldades de adaptação do campeiro à realidade urbana decorrente da transformação da estância em empresa capitalista (Zilberman 1992: 110-112). As transformações sócio-históricas, desde cedo, constituiriam, no plano estético, uma das formas de representação literária eleita pelos homens (e mulheres) de Letras do estado mais meridional do Brasil.

3. A LITERATURA PRODUZIDA NO RIO GRANDE DO SUL

O Rio Grande do Sul apareceu, pela primeira vez, em 1534, no mapa de Gaspar de Viegas (Cesar 1970: 45); o território, porém, permaneceria inexplorado durante quase dois séculos. Caberia aos padres jesuítas, portugueses e espanhóis, em distintas formas de ocupação, lançarem o fundamento básico para a ocupação: a pecuária, cuja criação e comercialização tornaram-se motivo para o aproveitamento da região. A fundação oficial aconteceria em 1737, com a chegada da expedição militar do Brigadeiro José da Silva Pais, construindo-se a fortaleza Jesus-Maria-José, que garantiria o comércio de gado e o contrabando de mercadorias espanholas transportadas pelo rio da Prata (Cesar 1970: 111).

A definição dos limites territoriais entre portugueses e espanhóis não existia, além disso, a distância do centro do país determinava a falta de tudo: remédios, igrejas, mulheres, distrações, fatores que exigiam o imediato povoamento do território. E, para ocupá-lo, Portugal enviou, a partir de 1752, casais vindos dos Açores e da Madeira. No século seguinte, após a Independência, cresceria o processo de imigração: alemães, italianos, suíços, poloneses chegaram à província, dedicando-se à agricultura e, posteriormente, ao comércio e à indústria (Pesavento 1984: 22).

A efetiva ocupação do território e a consolidação da independência política de Argentina, Brasil e Uruguai asseguraram a paz externa, mas a província seria abalada pela Guerra dos Farrapos que defendia o sistema republicano, o fim da escravidão e pretendia a independência em relação ao Império do Brasil. Iniciado em 1835, o movimento revolucionário de estancieiros estendeu-se até 1845, com a assinatura da Paz de Ponche Verde, mediada por Caxias.

Neste contexto social, político e econômico, tomaria forma o mito do monarca das coxilhas: misto de peão e combatente, o homem sulino assumiria uma identidade mítica embasada na igualdade entre trabalhadores e estancieiros. Sergius Gonzaga, porém, adverte: “Em síntese, a ideologia do gaúcho legitimava os interesses dos pecuaristas (...) e reafirmava o seu poder dentro da província” (1980: 122).

Face ao modo de ocupação, à distância do centro do país, ao analfabetismo, à ausência de editoras e livrarias, a literatura culta demorou a fixar-se no sul do país:

As primeiras manifestações literárias do Rio Grande do Sul obedeceram à forma métrica (...). Numa época em que inexisiam editoras de livros, um soneto podia se tornar público por meio da declamação ou aparecer num rodapé de jornal (...). Por outro lado, a poesia se alimentou também da contribuição oral: cultivou-se a familiaridade com o cancionero popular, que se propagou enquanto se mantiveram vivos a cultura rural de onde proveio e os laços com a produção trovadoresca do Prata. (Zilberman 1992: 11)

De fato, o cancionero popular constituiu veia produtiva, encarregando-se de exaltar as qualidades do habitante do pampa. No entanto, é lícito crescer-se que a primazia literária culta deve-se a Delfina Benigna da Cunha, “autora das *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*” (Zilberman 1985: 77).

A Revolução Farroupilha e o engajamento tardio ao Romantismo desenharam um modelo literário idealizador do universo masculino, em que “o macho guerreiro, destemido na luta contra o inimigo ou as forças da natureza, que percorre a imensidão do campo inseparável de seu cavalo” (Chaves 1999: 68) dava o tom. Narradores masculinos, urbanos, cujos textos se construía em terceira pessoa, enalteceriam as lutas fronteiriças, as diversões domingueiras, os amores da china.

No que concerne ao narrador, Schuler assevera: “Quanto à voz, o narrador pode eleger a primeira ou a terceira pessoa; quanto à perspectiva, o narrador pode ver os acontecimentos de perto ou a distância, pode penetrar na psique das personagens ou restringir-se a observar fisionomias, gestos, acompanhar os acontecimentos no seu efeito externo” (2000: 26). Tal seleção determinará o ponto de vista em que a história será contada, desde uma visão onipresente e onisciente, em que o narrador domina a cena; passando pelo narradores testemunha ou protagonista, em que a narrativa é limitada pela visão da personagem; ou a própria subtração do narrador, que se dá, em especial nas narrativas contemporâneas (Leite 1991: 26). A posição de quem fala tem um caráter fundamental:

Escrever em primeira pessoa poderia ser decisão orgulhosa; mostrou-se, entretanto, nos casos de sucesso, gesto de humildade. O narrador que diz eu está limitado. Falta-lhe a mobilidade anônima. Não lhe é dado antecipar o futuro (...). A memória lhe é auxiliar valioso. Mesmo no estreito espaço de si mesmo, há limites (...). Recordar os fatos não significa compreendê-los. (Schuler 2000: 28)

Em terceira pessoa, predominando as “próprias palavras, pensamentos e percepções” (Leite 1991: 27) do narrador, sua presença entre o leitor e o enredo faz-se constante, como em *O Vaqueano*, de Apolinário Porto Alegre, um dos próceres do Partenon Literário. No caso sulino, mesmo nas narrativas em primeira pessoa, o que sobressai, até então, é a exaltação do gaúcho, cujo ápice está em *Contos gauchescos* publicados por João Simões Lopes Neto e narrados por Blau.

Transformações históricas resultantes da nova organização capitalista, a qual cercou as estâncias, marcou o gado, desalojou pequenos proprietários e engrossou a

miséria urbana, determinaram um novo paradigma que desmitificou o gaúcho. Este novo modelo aparece em *Ruínas Vivas*, de Alcides Maya, em que o autor “dedica sua prosa à denúncia da decadência da sociedade sul-rio-grandense, indicando que as novas gerações são mais frágeis, dominam interesses mercenários, perdeu-se a autenticidade” (Zilberman 1985: 30). Neste trajeto decadente, sobretudo após 1930, encontram-se *Sem Rumo*, *Porteira Fechada* e *Estrada Nova*, de Cyro Martins, *Memórias do Coronel Falcão*, de Aureliano de Figueiredo Pinto, *Xarqueada*, de Pedro Wayne, *Bacia das Almas*, de Assis Brasil e *Camilo Mortágua*, de Josué Guimarães.

A partir da década de 1930, um novo tema adquire *status*, trata-se da imigração, que enfoca a saga de portugueses, alemães, italianos, judeus em obras produzidos, por exemplo, por Vianna Moog, Luiz Antonio de Assis Brasil, José Clemente Pozenato e Moacyr Scliar.

Por outro lado, desde os escritos do francês Saint Hilaire, que passara pela província no século XVIII, ressaltava-se a condição inferior imposta à mulher, que, ademais, segundo ele, sequer evidenciava sinais de vaidade (Zilberman 1985: 74). Já no século XIX, sob o domínio da moral positivista e católica, à mulher concedia-se a condição de anjo tutelar e rainha do lar, restringindo-se o seu espaço de inserção: “o homem deve sustentar e governar a casa pois age de maneira racional, sem nunca se deixar levar por emoções. Por isso, seu campo de atuação é o espaço público, enquanto a mulher, por ser frágil, emotiva e muitas vezes irracional, deve ser protegida no espaço privado do lar, sob a tutela do homem” (Ismério 1995: 44).

Ainda que, surpreendentemente, entre os membros do Partenon Literário figurassem poetisas como Eurídice Barandas, Rita Barém e Luciana de Abreu, as mulheres sul-rio-grandenses protagonizariam ações significativas no campo literário a partir dos anos 40, do século XX, com os textos de Lila Ripoll – em poesia – e Lara Lemos – em prosa (Zilberman 1992: 145-146).

As prosadoras sulinas afirmar-se-iam a partir das obras de Tânia Failace, Patrícia Bins e Lya Luft, que contemplam mulheres em busca de emancipação (Zilberman 1992). Nos textos de Luft, predomina um novo enfoque narrativo, em que a linearidade cede espaço ao monólogo interior, ressaltando o universo dilacerado de mulheres em situações limite.

Se a presença da mulher como escritora era escassa, o quadro se repete quanto às personagens femininas, a mulher aparece como a responsável pela família, pela manutenção do lar e o seu universo é recortado pelo ângulo masculino de conhecer o mundo, como ocorre, de forma paradigmática, em *O tempo e o vento*, de Erico Veríssimo (Zilberman 1985: 82-83).

Nas décadas de 1970 e 1980, a mulher encontraria espaço em textos de Moacyr Scliar, Assis Brasil, Donald Schuler. Referindo-se à *Chimarrita*, de Schuler, e a situação vivida por Rita, sua protagonista, Zilberman registra:

Esta trama [a traição e o abandono pelo marido] não ocupa a totalidade do romance, servindo antes de moldura para o autor expor a história da mulher no Rio Grande do Sul, analisando a importância de sua presença, já que lhe couberam lances de heroísmo na defesa do amor, da família ou de ideais políticos. Todavia, sua posição foi sempre a mais frágil, porque objeto da violência e da civilização que formulou uma ideologia para diminuí-la e marginalizá-la. (1985: 89)

A mulher reaparece em *Quatro negros*, negra, pobre, ela é apresentada por um narrador culto, urbano, que, a par da sua história, reflete a respeito da conformação social sul-rio-grandense, tida como desigual, de forma exemplar entre aqueles desprovidos de riqueza – material e intelectual – que lutam para sobreviver no cotidiano miserável das grandes cidades.

4. QUATRO NEGROS

O narrador de *Quatro negros* anuncia: “— Eu escrevi muita coisa, tu sabes, mas tem uma que eu deveria ter escrito e não tive talento, ou paciência, ou sabedoria suficiente. Era a única história que valia a pena (...). Uma história que não tem cabimento de tão linda, de tão extraordinária (Fischer 2005: 7).

O leitor, em seguida, toma ciência que se trata da história de Janéti.. A personagem pertence a uma família que, segundo o narrador, vivia numa cidade interiorana secundaríssima, na metade sul do estado que, ainda hoje, enfrenta o atraso decorrente da criação extensiva de gado. “A história da Janéti é assim: ela é filha de uma família pobre, interiorana de verdade, moradores de lugar ermo, distante” (Fischer 2005: 8), os vizinhos residiam a longas distâncias e as terras, em sua maioria, eram impróprias para o cultivo: “Família pobre, e eu ainda não disse que eram negros (...) Tem um amigo meu que diz que o Rio Grande do Sul inventou o negro triste (...). Como todos os pobres da região, sejam brancos ou pretos ou índios, os negros dali são retraídos, são mais do que simplesmente quietos (...). E são meio tristes mesmo, tendendo ao quieto” (Fischer 2005: 15).

Os pais da Janéti, nascidos na região, casaram e tiveram, em seguida, um menino: “um machinho, segundo a definição, cruamente animal que ali se dá para o sexo dos recém-nascidos” (Fischer 2005: 20). O menino – ainda sem nome - logo seria adotado por uma família branca, médios proprietários da região. A mãe, novamente grávida, daria a luz a Janéti, cujo destino seria a adoção. A menina foi adotada por um casal idoso que contava com ela para ampará-los em sua velhice. Janéti fugiu e retornou para a velha casa, fria e miserável. Passaram-se poucos meses e ela foi entregue para outra família, levada pela mão do pai. Aos quatro anos, permaneceu uma noite na nova morada e voltou para o “aconchego” do seu lar. Em breve, nasceria o terceiro filho: “nasceram mais outros irmãos, e foram sete no total, e cada novo irmão que nascia a mãe ia dando para alguma família possível, ali pela redondeza. E a Janéti dava um jeito de permanecer com os pais. E dava um jeito de estabelecer laços com

os irmãos que iam sendo espalhados pela geografia, pela singela pobreza conhecida” (Fischer 2005: 32).

Após o nascimento do sétimo filho, o casal decidiu transferir-se para a região metropolitana em busca de trabalho e melhores condições de vida. Em uma destas cidades – cidades operárias, cidades dormitório -, durante uma feira do livro, o narrador conheceu Janéti, mulher adulta, mãe de duas meninas, sustentando os pais já idosos: “Eu não sei como agüentei ouvir o relato de sua vida, a dispersão e a reunião da família, sem chorar (...). Ora, família. Vem me falar de família” (Fischer 2005: 39).

A história de Janéti propriamente dita resume-se ao capítulo um e a parte inicial do segundo capítulo que é dedicado a seu Sinhô, um homem velho da região. Descendente de escravos, ele traz a sabedoria da velhice, ao mesmo tempo em que, na narrativa, se mantém como aquele que é fiel aos costumes e às tradições de sua gente. O velho, todavia, parece representar a única figura a questionar o *status quo*, apesar disso, sem a possibilidade de contrapor-se às condições sociais, culturais e econômicas postas.

O capítulo três cabe a Jorge/Airton, o irmão mais velho de Janéti, que ressurge, ante a família, depois de anos de ausência, plenamente adaptado ao mundo urbano. Jorge, contudo, em breve, encontrará a morte, deixando a mulher grávida. Por fim, no quarto capítulo, o leitor saberá mais sobre os irmãos de Janéti: além de Airton, Antônio, o tipo briguento, com boa disposição para o trabalho de campo; Ramiro, temperamento pacífico, vigia noturno, integrado a um Centro de Tradições Gaúchas; Cleci, casada, feliz dona de casa suburbana; Valdeci, que se tornaria uma das primeiras motoristas de ônibus do Rio Grande do Sul, e Rosa ou Rose ou Rosi, que fora empregada na casa do narrador:

Era uma figura bonachã, gorda, e na altura em que eu a conheci já não tinha vários dos dentes. Chegava sempre tarde lá em casa, mas sempre sorrindo e de bom astral (...).

Fica difícil imaginar uma mulher assim desengonçada, desinteressante e feliz? Mas era o caso. Era uma pessoa feliz (Fischer 2005: 89-90).

A reunião da família, esfacelada pela pobreza, ocorrera na parada de ônibus que conduziria os pais à região metropolitana:

E aí, sem nenhum anúncio, sem alarde, com timidez e silêncio, aparece a Janéti. Aparece a Janéti rebelde e autônoma, trazendo consigo os cinco outros irmãos que haviam sido dados (...). Os cinco, com quem manteve o laço do afeto irracional e primeiro, mais de mãe que de irmã (...). Chegam em silêncio, nada dizem, e nada se lhes pergunta. (Fischer 2005: 35)

O passado familiar e social miserável eram deixados para trás naquele momento, as condições degradantes daquele espaço, não. Reaparecem, pela palavra do narra-

dor, as terras improdutivas, os costumes, a falta de expectativa que norteia aquele meio:

Janéti, família pobre, de negros pequenos proprietários que não cultivavam a sua sobrevivência, no meio de um mar de latifúndios de criação de gato (...). E suas terras ocupavam uma região (...) muito dobrada (...), com cerros e penhascos, de tal forma que aquela microrregião não tinha valor comercial (...), porque o gado pode se matar num perau daqueles, um precipício qualquer, cair, se perder, morrer. (Fischer 2005: 16)

O narrador, neste caso, vai além, e reconduz Janéti e as filhas ao mesmo local em que a protagonista nascera. A mãe abnegada registra o desconforto das filhas diante das casas de chão batido, da linguagem dos parentes que lhes parece incompreensível: “muito broncos, além de pobres” (Fischer 2005: 41), evidenciando que o *modus vivendi* pouco ou nada se alterou, mas o amor à terra natal se faz presente na personagem. Além deste amor pelo mundo que a viu nascer e crescer, a incondicionalidade afetiva de Janéti é dedicada aos pais, velhos: “Ela me contou que hoje em dia ela é que sustenta o pai e a mãe” (Fischer 2005: 39), a par das tentativas frustradas de adoção, Janéti não guardou rancor.

É pertinente mencionar que, à medida que conta a trajetória de Janéti, o narrador preenche espaços borrados pela memória com ponderações a respeito do atraso econômico da metade sul do estado, da degradação social a que o homem negro ou branco, trabalhador rural, é relegado. Neste sentido, é comovente a adaptação, a aceitação que aquele grupo social, ainda residindo na cidade interiorana de secundaríssima ordem, aceita a adversidade ou, de outra forma, assimila e reduplica, em sua miséria, a tradição estancieira: a marcação de gado, os rodeios, a castração dos bois:

Quando é um tourinho o animal marcado (...), capam, cortam o couro do saco com um talho simples, tiram de lá os bagos e pincelam alguma creolina, a título de prevenir infecção. Sai sangue, claro (...). E os bagos eram jogados sobre o mesmo braseiro que esquentava as marcas. Adivinhou pra quê? Para serem comidos, logo depois de queimados ao fogo. (Fischer 2005: 30-31)

O discurso que se instaurara no período farroupilha, irmanando patrão e peão, se faz presente, justificando a passividade daqueles homens e mulheres, destinados a aceitar as condições miseráveis de vida. Sob tal aspecto, a família de Janéti subverte a expectativa, sua história, “linda e extraordinária”, é uma história de amor fraternal, ao mesmo tempo em que o é uma história de resistência.

Miseráveis, os pais de Janéti seguem a tradição dominante, ainda que membros de uma mesma linhagem familiar, casam-se e procriam. Diante das dificuldades, tentam garantir a sobrevivência dos filhos, entregando-os à adoção. Mais tarde, seguindo as transformações sociais que determinaram o êxodo rural e o crescimento das cidades à margem da capital, buscam melhores condições de vida no meio urbano. O que se sobressai, neste ponto, é a força, a coragem de Janéti que mantém o vínculo familiar

e conduz os irmãos, na companhia dos pais, para este novo universo. A desigualdade social se ressalta nos dois espaços: quer no interior, quer na região metropolitana, contudo, Janéti, ainda assim, subverte a ordem: suas filhas não têm pai reconhecido, mas ela cuida dos seus pais; seu grande amor pela família não lhe permite assumir ou aceitar o amor carnal, concedendo-lhe, pois, o lugar de chefe da casa, condição inaceitável na sociedade sulina do início do século XX. A dignidade é conferida à mulher, à mulher negra, que contradiz o *status quo* e se firma como filha, como irmã, como mãe: se o amor conjugal lhe é negado, ela o sublima e vai além: apresenta-se à mulher de Airton, apresenta-se como o apoio emocional e físico àquela que dará à luz a mais um membro da família, a uma geração já afirmada no meio urbano.

O narrador, por seu turno, considerando-se, desde o início, incapaz de contar a história de Janéti, abre espaço para uma nova vertente, em que a mulher negra se consolida como protagonista, seu universo emerge da narrativa. Há, porém, um espaço para analisar as condições sócio-históricas do universo sulino, ponderar sobre a diversidade e a exclusão, a capacidade de reação e a necessidade de submissão – se Janéti e seus familiares buscam novas alternativas, seu Sinhô mantém o vínculo telúrico, a tradição, a assimilação de um meio excluído, ainda que ciente desta exclusão. Ressalta-se, pois, a organização social e as formas de gerenciamento da diversidade. O homem branco, de origem rural: “Meus avós paternos trabalhavam em atividades da terra, com animais, tirando leite e plantando” (Fischer 2005: 12), escritor consagrado, se não dá voz para Janéti, entrega-lhe a possibilidade da palavra e, a partir da sua história, o faz aos brancos e negros, pobres, que se mantêm à margem da sociedade. Janéti resiste mais: é mulher, é pobre, é negra; resiste mais, vence o destino suposto a uma menina do interior, negra e pobre; resiste mais, de filha dada para adoção, adota os pais e os irmãos, une-os, protege-os, como mãe, como a terra do pampa tem protegido o homem gaúcho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quatro negros trata-se de uma novela composta pelo professor Luís Augusto Fischer, cujo narrador, desde o princípio, demonstra a intenção de contar a história de uma mulher, conhecida em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, durante uma feira do livro. À história de Janéti, conforme a disposição dos capítulos, se entrelaçam as histórias de Jorge e Rosa, seus irmãos, e do velho seu Sinhô, perspectivas distintas de enfoque de um universo firmado pela pobreza, pela falta de instrução, pela negritude.

Janéti é a personagem principal de *Quatro negros*, sua história “linda e extraordinária” desencadeia a narrativa. Contrariando todo e qualquer prognóstico que determinasse o esfacelamento da família, ela consegue reuni-los e, juntos, partem para uma nova vida, fora do mundo da campanha, no ambiente periférico de uma metrópole. Reencontrar os irmãos, manter-se sob a guarda dos pais, reunir a família no momento

de transferência e, ainda, no presente da narrativa, amparar os pais em sua velhice, constituem a história “linda e extraordinária” de Janéti.

Ao subtrair a palavra de Janéti, em um enfoque inicial, parece representar uma nota de pouco caso do narrador com sua protagonista, o que se infere da narrativa não é a incapacidade de Janéti: “E ela conta mais ou menos como repeti antes” (Fischer 2005: 39). Narrar a história “linda e extraordinária” de Janéti parece ser, na verdade, desculpa para o narrador refletir sobre a formação sócio-histórica do Rio Grande do Sul, as diferentes formas de organização econômica do espaço sulino, a diversidade geográfica regional.

Diante destas ponderações, faz-se possível, em consonância com Candido (2000: 46), enunciar que, em *Quatro negros*, a sociedade se faz presente no tecido narrativo. Não se trata, contudo, da mera ficcionalização dos fatos, mas da internalização narrativa do modelo vigente na sociedade sul-rio-grandense que, desde os primórdios de sua organização, opôs o mundo branco, culto, urbano ao universo rural, mestiço, analfabeto ou semi-analfabeto, subjugando o gaúcho, aquele que gaúcho acostumado ao nomadismo, à liberdade dos campos, à preia do gado, submetendo-o aos limites da estância. A “linda e extraordinária” história de Janéti, dialogando com a própria tradição literária gaúcha, traz à tona um modelo social excluído

OBRAS CITADAS

- BERTHOLD, Margot. 2006. *História mundial do teatro*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva.
- BUENO, André. 2006. “O sentido social da forma literária.” *Literatura e sociedade: narrativa, poesia, cinema, teatro e canção popular*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- CANDIDO, Antonio. 1992. *Ficção e confissão*. Ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- . 2000. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8.ed. São Paulo: T.A. Queirós.
- . 2004. “De cortiço a cortiço” *O discurso e a cidade*. 3. ed. São Paulo: Duas cidades.
- CESAR, Guilhermino. 1970. *História do Rio Grande do Sul: período colonial*. Porto Alegre: Globo.
- CHAVES, Flávio Loureiro. 1999. *História e Literatura*. 3.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- FISCHER, Luís Augusto. 2005. *Quatro negros*. Porto Alegre: L&PM.
- GONZAGA, Sergius. 1980. “As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura”. D. Freitas et al. orgs. *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 123-128.

ISMERIO, Clarisse. 1995. *Mulher: A moral e o imaginário 1889 – 1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

LEITE, Ligia Chiapini Moraes. 1991. *O foco narrativo*. 5.ed. São Paulo: Ática.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. 1984. *História do Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.

SCHULER, Donaldo. 2000. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática.

TADIÉ, Jean Yves. 1992. *A crítica literária no século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

ZILBERMAN, Regina. 1985. *Literatura gaúcha*. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM.

———. 1992. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.

LITERATURE AND SOCIETY: BUSTING OUT PARADIGMS - THE BLACK WOMAN'S RESISTANCE IN A WHITE, URBAN AND CHAUVINIST SOCIETY

ABSTRACT: In the Brazilian state of Rio Grande do Sul, in which high literature was established much later, the farm model and frontier wars determined the construction of a mythical model: the Gaucho, whose character was filtered by male, urban and educated eye. To women very little space was granted; however, in *Quatro negros*, Luis Augusto Fischer opens space for a black woman, poor, single mother, and ponders, upon it and through it, about the formation and consolidation of a “sulina” [southern] society, foregrounding in a certain way the marginal role blacks have been living in.

KEYWORDS: Gaucho literature; social representation; monarca das coxilhas (king of the hills); black women.

Recebido em 15 de outubro de 2009; aprovado em 30 de dezembro de 2009.